

Prefácio

“Um pouco de cultura é uma coisa perigosa”

Alexander Pope

O primeiro contacto que tive com o Coro Misto foi em meados dos anos 90, quando a convite de amigos ligados à música me desloquei à Covilhã para assistir a um concerto de Páscoa. No caminho fui elaborando mentalmente planos de fuga ao tal concerto, uma vez que me informaram que seria interpretado o “Messias” de Händel e, ainda por cima, numa Igreja, algo que me desagradava duplamente. Ao chegar à Igreja de S. Tiago, decidi assistir ao início do concerto, levado principalmente pela curiosidade de aferir o que de tão importante teria o referido concerto que fazia a Igreja literalmente abarrotar pelas costuras.

Após as primeiras notas fiquei estarecido pela qualidade de um pequeno Coro do Interior e fui imediatamente conquistado pela perfeição da sua interpretação. Senti-me como que hipnotizado e absorvido por aquela sintonia perfeita entre o local e a música. Olhei à minha volta e constatei que toda a plateia partilhava do mesmo sentimento e invejei o arrojo deste Coro em apresentar uma obra de tão elevada qualidade e com perfeição de execução num Interior em que os ouvidos são formatados pelo som do bombo ou do acordeão. Era um facto indiscutível, este Coro era verdadeiramente especial.

Passsei a acompanhar com atenção o Coro Misto a partir dessa data, procurando ansiosamente anúncios ou notícias de próximas actuações.

A desconfiança de que se tratava de um Coro especial, depressa se tornou numa certeza, tendo o Coro começado a sua ascensão e reconhecimento quer nacional quer internacional, traduzido em muitas conquistas de medalhas de ouro e primeiros lugares em concursos por todo o mundo.

A história musical do Coro Misto é rica e muito versátil, tendo presenteado o seu público com interpretações que vão desde o erudito ao popular, passando pelo interessantíssimo Projecto Zéthoven para crianças, que não fossem os custos de ter nascido num País culturalmente ainda em desenvolvimento e seria com certeza presença obrigatória em todos os programas escolares do 1º Ciclo.

Mas aparte as reconhecidas e premiadas qualidade, excelência e arrojo musical do Coro, foi só em meados de 2000 que, por via profissional, tive conhecimento de uma outra dimensão do Coro Misto: a sua dimensão de defesa e promoção de valores ético-sociais e de luta pela Cultura no seu sentido mais puro, enquanto liberdade de pensamento e desafio do *status quo*.

Tive a honra e o prazer de estar em muitas das batalhas travadas pelo Coro na defesa dos seus princípios, da sua arte, livre dos grillhões do poder estatuído e da por vezes mesquinha oposição daqueles que temem o que não entendem e que consequentemente não controlam.

Esta segunda dimensão faz com que este livro, além de relato do sucesso de um Coro que ousou alcançar a excelência esquecendo as barreiras inerentes às suas raízes geoculturais, e que portanto optou não seguir o facilitismo da normalidade, seja também o relato de quem acredita na Cultura como forma de inquietação e evolução de toda uma sociedade e como caminho para uma constante auto-superação rumo à perfeição.

Para mim talvez seja esta a faceta mais surpreendente deste livro. Pondo a nu uma realidade que muitos de nós pensávamos já não existir numa sociedade que se diz e que se quer democrática, demonstra-nos no entanto que é possível alcançar o sucesso e a excelência, mantendo-nos fiéis aos nossos princípios e, principalmente, fiéis ao amor por aquilo que fazemos.

Como se poderá constatar ao ler a última linha deste livro, ele não representa o relato final da vida do Coro Misto, mas apenas e só o primeiro volume de uma história que apenas está no início e muito longe do seu fim. Este livro acaba por ser apenas mais uma manifestação da generosidade intrínseca do Coro Misto, que desta forma partilha com o seu público as suas angústias e os seus sucessos, abrindo-lhe as portas da sua intimidade.

Pedro Leal Salvado

I

Lembro-me claramente do dia em que vislumbrei a encosta da Estrela, sabendo que algo de futuro aí iria plantar, não sabendo, é certo, a talha que esse acto traria nos tempos vindouros. Não me lembro claramente da data. Sentia sim algo de auspicioso, talvez pela beleza da serra se deixar mirar sem entraves, mesclando com o alívio da capital do Distrito estar precisamente nas minhas costas. Também me lembro que era o ano de 1989. Não tendo a memória atitude traçoeira, recordo que o dia era de sol. Sem romantismos convenientes. Estava mesmo sol. Passavam poucos meses de ter sido escorraçado do Conservatório de Música de Castelo Branco. Ou despedido, ou afastado, ou qualquer outra coisa que permite a crucificação, mantendo o bom-nome dos abutres que, do alto dos penhascos do poder, atacam desmesuradamente sem dó nem piedade. Nem dó, nem ré, nem mi, nem fá, nem algo mais que não uma das características deste país, que é tão simplesmente o premiar da incompetência, coberta sempre por amizades, filiações políticas ou tantas outras obscuridades inseridas no mesmo tipo de compasso.

Mas a encosta da serra teimava em atrair-me e as costas, as minhas, sentiam o alívio como algo de muito próximo. Cheguei assim à Covilhã, com aquela incerteza de rotulagem, que oscilava entre o refugiado e o aventureiro. Algo que também pouco ou nada me afectava.

Neste pequeno trajecto pelo interior da Beira o ponto de chegada seria o Conservatório de Música da Covilhã. Alguma expectativa, toda ela natural, me acompanhava. A minha casa, a musical, tinha sido, até à data, sempre em Castelo Branco. Sentia assim uma espécie de traição àqueles que me tinham traído, sempre revolta com a sensação expectante de bonomia. A casa, esta nova, de novo nada tinha e era pouco adequada para as artes ali praticadas. Passados vinte anos ainda o é. O material, aquele que produzia as sonoridades, era gasto, pouco ou nada apetecível. Não esqueço o pormenor dos instrumentos de percussão, mais especificamente os xilofones, que se apresentavam como velhos desdentados, tal o número de lâminas que faltava a cada um. Os corredores estreitos quase que nos apertavam as intenções e a pouca luz dava-me a ideia de enorme desafio. Recordando a casa musical da minha origem, fui tentado a pensar, para utilizar a família dos quadrúpedes, que tinha saltitado na espécie. Faltava

no entanto conhecer os alicerces de qualquer Instituição, que são para mim os seres humanos que por baixo de qualquer tipo de telhado, sustentam a existência da mesma e justificam a sua sobrevivência.

Numa escola, e principalmente nas que se dedicam às artes, existem dois blocos: as Direcções e os Professores e Alunos. Curiosamente, na esmagadora maioria, a compatibilidade é escassa ou quase nula. Nada de estranho, pois ninguém consegue construir uma casa sólida com tijolos de características diferentes, como seja o tamanho, a resistência ou a forma. Também curiosa é a associação entre professores e alunos num mesmo bloco. Tem tanto de curiosa como de natural, pois perante a ignorância generalizada das tais direcções, é inevitável uma espécie de simbiose de proveito mútuo para que a produção musical possa ser uma realidade. No interior deste nosso país mais se acentua essa veracidade. O dito Director Administrativo tem características muito próprias. Primeiro porque raramente tem qualquer entendimento de administração. É ignorante musical e finge gostar de música. É vaidoso, pedante, e surge sempre nos momentos de visibilidade. Por norma tem pouca notoriedade na profissão que desempenha e procura assim as Instituições para se tornar notado. Pode em alguns casos ter ambições políticas e transformam as escolas em trampolins para a realização do seu ambicionado salto. É em elevada percentagem o real problema da evolução cultural. E leva-me a crer que a razão me pertence, por ter tido a felicidade de conhecer uma ou outra excepção que confirmam a regra atrás descrita. Em todos os antigos Directores ou Presidentes de Direcção que comigo se cruzaram, somente um, ainda hoje é presença habitual nos concertos, pelo que facilmente se conclui que outros gostariam de tudo menos de música e talvez tivessem alguma admiração pelas notas mas não certamente pelas que permitem a nossa arte mas por aquelas que os Bancos tanto estimam. Os seus parceiros de Direcção também não permitem observar grande panóplia de argumentos. São submissos por incapacidade intelectual, são pequenos escravos da estupidez alheia e alguns roçam o saloio. Não o pão do mesmo nome, que esse é puro, mas sim o iluminismo demente que vê no cargo uma pequena atenuante para justificar o nascimento. Também aqui convivi com afáveis excepções. Por outro lado, os alunos também têm as suas subclasses: os que gostam de música e a estudam por esse convincente sentimento e aqueles a quem a música nada diz, mas que permite esfregar o ego aos seus progenitores, pois estudar piano ou violino poderá ser algo que em banal conversa tida por banal gente, eleva o estatuto, de forma bastante banal é certo, mas adequada às suas mentes. Pertencem na grande maioria a uma classe burguesa com poder económico mas parca culturalmente. Perante esta muito própria visão, a estrutura material ou falta dela, que se me deparou à chegada à Covilhã, torna-se secundária perante a